

Título	O Amor de Luiz Zerbini – Tropical Total ou Intuição, Sensação, Iluminação, Carácter	Autor	Jorge Emanuel Espinho
Data	2012	Artista	Luiz Zerbini
Publicação	COLEHO, Frederico; ESPINHO, Jorge Emanuel; OSORIO, Luiz Camilo (textos / texts). Amor. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.		

---

## O Amor de Luiz Zerbini – Tropical Total

ou Intuição, Sensação, Iluminação, Carácter

No Tropical tudo está sempre ligado e quente, tudo se toca e se acrescenta, tudo cresce e se ilumina, vivo, espesso, sensual, colorido. O Tropical é a inveja do mundo porque ali mora a verdadeira intensidade - mesmo quando subtil -, a que exige abertura e atenção disponível, a que recompensa com paixão calma, segurança alargada, alegria. Na luxúria embriagante do *tropical* habita a sincronia confusa mas reveladora do *meio* - não divisor mas unificador -, ponto de encontro dos extremos em fusão enriquecida, total e sobreaquecida, exagerada, das sensações que iluminam e alimentam o mundo. Viver nesta realidade que é um permanente e complexo *tesouro descoberto* só se faz sério com despojamento e liberdade nas sensações, abertura e leveza no sentimento, ambição e segurança nas emoções. Para colher desta real e cravejada *multiplicidade preciosa* é necessário a alma calma de um garimpeiro louco no corpo perdido de um marinheiro. *A proficua deriva da vida, o Amor.*

Luiz Zerbini nasceu em São Paulo em 1959. Adolescente, experimentava *insights* ao passear aos domingos pela cidade vazia, entrando numa rua e sentindo como a luz se transformava em escuro, o ruído das cores no ar, o silêncio, os raios do sol a descer, a terra mais fria naquela enorme sombra, a imponência vertical dos prédios, a tontura, embriagado nessa visão tudo lhe dava a entender de repente a natureza verdadeira das coisas, tudo lhe tocava, e acordava nessa dormência, clarividente e sensível, inundado na emoção, pensava na nuance da cor, no efeito da luz, transcendia-se assim, de corpo inteiro, via-se iluminado nesse estado, maior, mais alto, mais largo. E aberto, solto, entendia. O seu professor de pintura Van Acker, atribuiu essas experiências ao facto de ele ser, afinal, um artista. Zerbini ficou surpreso, mas acreditou.

Esta vivência e aprendizagem *sensacionista* e contínua da vida, que se traduz numa disponibilidade e atenção crescente ao pormenor mas também ao óbvio - pois em tudo mora o significativo, o magnífico -, alimentou a sua relação com a pintura, e é também profundamente alimentada por ela. Essa *circularidade mágica* é assumida e sublinhada pelo artista. Nasce da privilegiada naturalidade dos que reconhecem na exterioridade a multiplicidade significativa da vida verdadeira, quando reconhecida e transformada pelo *crivo sensível* e único de cada um. A arte de Zerbini é uma *imersão reconstruída* da experiência exótica de estar vivo, deslumbramento constante de reconhecimento e identificação, testemunho do generoso percurso a que a vida nos autoriza, assim estejamos livres e receptivos, abertos e sinceros, autênticos num lugar nosso, que será sempre de *passagem* e relação.

Importa saber reconhecer a verdade que habita no *caos do acaso*, pairar o olhar como um pincel a ver melhor, escolher as cores profundas que melhor iluminam. É nesse significativo processo que o artista se alimenta, e que vai devolvendo depois - enriquecidos e aumentados ele e a experiência - ao mundo, a nós, a súplica pertinente desse cíclico percurso, feito pertinente paisagem. Mais do que implícita nesta *estrutura activa de vida* está a desmistificação da hierarquia das coisas, dos fenómenos, das pessoas. A contribuição é total, livre, autónoma.

Quando propôs ao editor Charles Cosac o livro *Rasura* - transbordante documento que demoraria 10 anos a completar e representa uma súplica possível do imaginário e do método do artista, preenchido de referências, imagens, obras, palavras e esboços, seus e de outros - e lhe transmitiu a vontade de explorar nele a verdade do seu universo criativo, suas influências, seu processo, seu caminhar, a pergunta veio certa: "E você não tem medo?" ao que respondeu

Título	O Amor de Luiz Zerbini – Tropical Total ou Intuição, Sensação, Iluminação, Carácter	Autor	Jorge Emanuel Espinho
Data	2012	Artista	Luiz Zerbini
Publicação	COLEHO, Frederico; ESPINHO, Jorge Emanuel; OSORIO, Luiz Camilo (textos / texts). Amor. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.		

“Sim, mas isso não é razão para não fazer!” Esta honestidade e seriedade são raras e desconcertantes, e o resultado foi um fabuloso e generoso testemunho da complexa mas livre teia que representa o mundo particular do artista.

A primeira imagem desse livro configura uma importante revelação sobre a relação de Zerbini com a arte e o tempo: num enorme espaço expositivo dezenas de pinturas de todas as épocas e estilos encontram-se espalhadas, paralelas mas em vários graus de distância e proximidade, de frente para o visitante. Apetece percorrer os espaços entre aquelas pinturas saídas de vários tempos, de vários lugares, de várias idades, mergulhar naquele mar onde tudo conversa, tudo se relaciona, tudo *faz parte*. É assim, diz Zerbini, “que entendo a história da arte, sem essa coisa do tempo. É tudo sincronizado!” É impossível não lembrar aqui os *insights* do artista, por ele descritos como “Um bombardeamento de informações simultâneas, uma avalanche de sensibilidade”.

Um dos mais nobres estandartes do *regresso à pintura* nas artes plásticas brasileiras, Zerbini não se fica por essa expressão, que domina e exhibe como poucos. Membro do colectivo sonoro Chelpe Ferro, Zerbini foi actor, cenógrafo, faz instalações e colagens, escultura, ilustração, escreve, e vai construindo uma obra que é uma paisagem única que se intersecciona, feita de vasos comunicantes interligados pelo fluxo de que são feitos; plena, luxuriosa, *viva*. O *ser tropical* manifesta-se assim naturalmente numa profusão de meios, sempre atento e reflexivo, generoso e profundo na sua aportação à vida, *matéria prima total* de que bebe e que alimenta, transformador e sensorial, livre e consciente, lúdico, criativo, intenso.

No MAM do Rio, Zerbini apresenta agora a fabulosa exposição *Amor*, e apresenta-se nela, inteiro. Divide-se em três partes essa mostra, geografia impossível de um mapa simbólico, total. Uma parte ocupa três paredes que parecem abraçar o visitante: luxuriosas pinturas de vários metros quadrados que são uma janela enorme e complexa com vista para tudo, súplica pejada de signos e símbolos que mergulham na natureza e saem dela, a tecnologia, a luz e a côr, o urbano, o impressionante universo pictórico de uma mão que *inventa a reproduzir* a experiência única do viver, a natureza. Neste conjunto se encontra *High Definition* - selva viva de 2,5m por 4m que demorou um ano a pintar, todos os dias - acompanhada de outras paisagens e ambientes, todos intensos, todos rigorosos, todos admiravelmente profundos, completos, sedutores. À esquerda, caveiras - símbolo várias vezes revisitado por Zerbini - seguram do chão as obras, qual contrapeso absoluto, lembrança do efémero, homenagem poética ao humano sentir e pensar da vida.

Na parede oposta outro tipo de trabalho: slides antigos colados formam pequenos painéis, criam jogos de côr, pequenas imagens desconhecidas mas familiares sugerem memórias, talvez inventadas talvez distantes; surgem ironias de familiaridade, as viagens, a praia, o prazer, a descoberta, a infância, a arte, a moral... Este jogo lúdico, para o artista também *zona de descanso* da pintura, talvez assinala a importância difusa da memória - subjectiva e abrangente, importante mesmo quando oriunda da vivência dos outros - enquanto espaço móvel a que regressamos, visitantes curiosos e sedentos, saídos da *oblivion* particular que sempre nos acompanha, crescente.

Mas é no centro da enorme sala que se parece jogar o *meio* - do latim *medium* -, o *esparso eixo*, o *espaço vivo tropical* que é origem e destino, fonte e produto, fim em princípio, essência e forma, o *país particular* do artista em que as relações infinitas de *distante proximidade* e de *próxima distância* se alimentam, mudam, mutam; o âmago íntimo e aqui partilhado que o criativo habita e transforma; a *ponte múltipla* que o alimenta e dispara, em todas as direcções, como esponja ensopada e sedenta, bebendo sempre.

Título	O Amor de Luiz Zerbini – Tropical Total ou Intuição, Sensação, Iluminação, Carácter	Autor	Jorge Emanuel Espinho
Data	2012	Artista	Luiz Zerbini
Publicação	COLEHO, Frederico; ESPINHO, Jorge Emanuel; OSORIO, Luiz Camilo (textos / texts). <i>Amor</i> . Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.		

---

À maneira de uma mesa de estudo naturista - tradição formal com ecos na obra e postura de Zerbini - uma enorme bancada acolhe inúmeros objectos, plantas, insectos, troncos e folhas, areia, superfícies de reflexão e côr, frascos de vidro e imagens, tudo ali, o gabinete possível de vivência do artista, uma *cama/casa completa* onde aos sonhos se sucedem os dias e ao deslumbramento a relação. Em misterioso entrelaçado entre horizonte e vertical, côr e conteúdo, sensação e olhar, carne e conceito, eis o precioso *Planeta Zerbini*. A descobrir.

Mais uma vez aqui impressiona a profusão delicada mas explosiva de referências e relações, e a coragem com que esse *caldo produtivo* é revelado; a simplicidade disponível do artista, consciente e afirmativo das misteriosas e profícuas relações com que o acaso tempera a criação e a vida, e alimenta o ser e o sentir, o estar, o pensamento. Mais do que acolhimento, nesta mostra sentimos a envolvimento desejosa de ficar e mergulhar devagar - nessa *multiplicidade tropical* e quente de um *olhar e sentir* o mundo -, despidos nesse movimento, alcançando o que só de fora preenche, o natural ocupando o particular, a exuberância plástica da selva, também interior, tradução poética que a arte faz, da misteriosa rede das coisas e dos acasos da vida.

*não é sobre o que se está vendo*

*é sobre o que se está ouvindo quando se está vendo*

*não é só sobre o que se está ouvindo quando se está vendo*

*é sobre o que se está sentindo quando se está ouvindo o que se está vendo*

*não é só sobre o que se está sentindo quando se está ouvindo o que se está vendo*

*é sobre o que se pensa quando se está sentindo o que se está ouvindo quando se está vendo*

*não é o que se pensa quando se está sentindo o que se está ouvindo quando se está vendo*

*não é o que se está sentindo quando se está ouvindo o que se está vendo*

*não é o que se está ouvindo quando se está vendo*

*é só o que se vê*

Luiz Zerbini